

Brasília, Brasil DF. Brasília.

JOAQUIM RORIZ

Compareço a esta página para falar de meu assunto favorito: Brasília. A cidade que vi nascer. Aliás, eu sempre me pergunto: não seria essa uma relação tão especial quanto a que nós temos com a cidade que nos viu nascer? Assunto para os psicólogos. Ou, quem sabe, os sociólogos.

Mas não é de meus sentimentos em relação a Brasília — certamente muito fortes, determinantes de toda a minha vida — que desejo falar. O tema que proponho é a Brasília de hoje, capital e cidade, sede do poder e lugar de viver.

Percebo nos brasileiros de outras regiões uma sensação ambígua a respeito de Brasília. Ambígua e conflitante em si mesma. Há admiração, orgulho de termos sido capazes de erguer, no quase deserto Planalto Central dos meados deste século, este monumento a Deus e ao espírito humano.

Mas existe também um certo temor, mesclado de desconfiança que às vezes descamba para a hostilidade.

É como se o respeito provocado (quase diria exigido) pela grandiosidade da obra de Juscelino, Oscar e Lúcio causasse uma certa insegurança. A Brasília da escala monumental de que falava Lúcio Costa parece, a muitos, paisagem de ficção científica. Tem uma fisionomia, digamos, de outro planeta. E o extraterrestre, pelo desconhecido, infunde receios.

Junta-se a isso a óbvia ligação de Brasília com o poder. Poder, como sabemos, é algo impessoal, quase abstração. Não importa quão populares, próximos do povo venham a ser alguns governantes, o poder em si é algo distante, que paira so-

bre todos e lá de cima decide sobre nossos destinos. Sim, porque apesar dessa distância são muito concretos os efeitos do poder sobre a vida de todos. Então, se Brasília é sede do poder, sua existência fatalmente se liga a entidades incorpóreas, etéreas, porém ameaçadoras pela capacidade de dispor sobre a vida de cada um.

Esses, parece-me, são os sentimentos meio difusos, imprecisos, porém presentes, ante a Brasília-capital. E infelizmente a maioria dos brasileiros só conhece esta Brasília.

Mas há a Brasília-cidade. Brasília lugar de morar. A urbe onde se trabalha e se diverte, chora, ri, ama, sofre. O local em que se convive e se vive.

Esta é uma cidade quase desconhecida dos nossos compatriotas que não vivem aqui. Se a conhecerem haverão de surpreender-se. O pequeno e eficiente industrial da Ceilândia que vende seus produtos para a Europa e os Estados Unidos em nada difere dos exportadores de São Paulo ou de Joinville. O jovem que passeia no shopping center, a dona de casa que vai ao supermercado, o pai de família que faz uma parada no botequim para tomar umas e outras no papo ameno com os amigos antes de ir para casa — todos parecerão, a esses brasileiros de longe daqui, absolutamente familiares. Poderiam viver em Campina Grande como em Porto Alegre ou Uberlândia.

Sim, existe uma Brasília em torno da Esplanada dos Ministérios, do Eixo Monumental e dos setores hoteleiros. E esta outra pouca gente conhece. Ela é uma cidade como as demais, sob quase todos os pontos de vista. Suas características próprias, especiais, que nos cumpre pre-

servar, ainda nos asseguram vantagens que as outras metrópoles já não podem oferecer a seus habitantes. Mas no geral Brasília é Brasil, sem tirar nem pôr. Nem podia ser diferente — afinal, um de nossos motivos de orgulho é o fato de sermos uma síntese da nação.

O fato é que Brasília mudou, nessas quase quatro décadas passadas desde a inauguração da capital. Mudou porque as cidades são vivas, escapam aos planos traçados por seus criadores, ganham força própria, criam soluções novas para seus problemas, e problemas novos para os quais há que achar solução.

Muitas pessoas que vivem aqui tampouco compreendem esses fatos. São brasilienses de tempo parcial. Moram em nossas cidades, mas vivem um eterno exílio, saudosos da terra natal, como se ela fosse a única capaz de proporcionar a sonhada felicidade. Tal fuga não lhes permite conhecer o lugar de viver

ao qual me referi. Comportam-se, assim, quase como estrangeiros. Suas referências de vida não estão aqui.

Infelizmente os azares do destino permitiram, ainda recentemente, que alguns desses governassem o Distrito Federal. Claro que não deu certo. Sofremos todos sua inabilidade para cuidar das cidades, do povo, da cultura muito especial que construímos ao longo dos últimos 40 anos.

Mas não quero olhar para trás. Esses percalços são próprios da democracia, e é saudável a convivência de opiniões di-

vergentes. O povo, sábio quando comparece às urnas, acaba sempre por escolher o que lhe convém. Mesmo que, por-ta-voz de Deus, por vezes escreva por linhas tortas.

O que importa agora é reconhecer a existência de duas Brasília — a sede do poder e o lugar de viver. Conhecer-lhes as características distintas, os problemas por vezes graves. E formular soluções que, de um lado, preservem a Brasília-capital como foi concebida, e de outro contemplem a cidade viva, a requerer que lhe acompanhem a evolução.

Brasília mudou porque as cidades são vivas, fogem aos planos

O atual Governo do Distrito Federal aceita e compreende essa dualidade. Está ciente da responsabilidade que lhe cabe para com a cidade-monumento. Conhece os problemas do povo, e sabe como resolvê-los.

Essas duas frentes de trabalho sintetizam, em certa medida, nossos objetivos ao retornar ao Governo do DF. Assumimos o compro-

misso de completar a obra de Juscelino, e vamos erguer os prédios que faltam à Esplanada para concluir o projeto original. E também estamos atentos para as carências das cidades: em poucos anos faltará água? Faremos uma nova barragem que garantirá o abastecimento por quase um século. Os transportes urbanos dificultam a vida do trabalhador? Concluiremos o metrô, que iniciamos em nosso governo anterior e teve suas obras praticamente paralisadas nos últimos quatro anos. Há carências alimentares entre a população? Desenvolveremos um

amplo programa assistencial de emergência para supri-las. A insegurança ameaça as famílias? Estamos implantando novos conceitos e estratégias de combate à violência, através da segurança sem tolerância.

Também estamos desenvolvendo um amplo programa de regularização fundiária, para solucionar os problemas de titularidade do solo do Distrito Federal. Em nosso período anterior de governo conseguimos erradicar as "invasões", favelas que se multiplicavam e cresciam, sobretudo no Plano Piloto. E o fizemos sem violência, relocando as famílias nos então chamados assentamentos — hoje as novas cidades do DF. Agora é a vez de complementar-lhes a infraestrutura urbana e social, e de regularizar definitivamente a propriedade de seus lotes.

Escrevi, há pouco, que em muitos aspectos as cidades do Distrito Federal são semelhantes às demais. Reafirmo esta opinião. Mas quero encerrar este recado destacando o fato oposto, e não menos verdadeiro: Brasília também é uma cidade muito especial, distinta de qualquer outra. Pela dualidade a que nos referimos, pela juventude, pela rapidez com que precisou crescer e amadurecer.

Governá-la é um desafio que requer, também, cuidados especiais. Precisamos assegurar às gerações futuras o privilégio de conhecê-la tal qual a temos, hoje: "serena, bela, única", como dizia Lúcio Costa. E é nossa obrigação fazê-la um lugar de viver cada vez melhor para todos — todos — os brasilienses.

JOAQUIM RORIZ é governador do Distrito Federal.